



Ágora. Estudos Clássicos em debate
ISSN: 0874-5498
jtorrao@ua.pt
Universidade de Aveiro
Portugal

BRASETE, MARIA FERNANDA

Paula Morão & Cristina Pimentel (Coords.) (2014). Matrizes Clássicas da Literatura Portuguesa: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade. Lisboa; Campo da Comunicação, 550 págs. ISBN: 978-989-8465-24-5
Ágora. Estudos Clássicos em debate, núm. 18, 2016, pp. 303-312
Universidade de Aveiro
Aveiro, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321046070013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Paula Morão & Cristina Pimentel (Coords.) (2014). *Matrizes Clássicas da Literatura Portuguesa: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*. Lisboa; Campo da Comunicação, 550 págs. ISBN: 978-989-8465-24-5

MARIA FERNANDA BRASETE (*Universidade de Aveiro — Portugal*)¹

Sob este título se reúnem quarenta e três estudos e cinco testemunhos de escritores, resultantes da 2.ª edição do “Colóquio *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*”, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Dezembro de 2013. No Prefácio, as coordenadoras científicas, Professoras Paula Morão e Cristina Pimentel, esclarecem que este volume prossegue o propósito de divulgar um conjunto selecionado de ensaios sobre “a pervivência dos clássicos greco-latinos” (p. 9), em autores e obras de língua portuguesa, de diferentes géneros literários, e desde a época medieval até ao século XXI. Assim, a receção de temas e motivos clássicos recai sobre um elenco muito alargado e diversificado de autores portugueses, além do escritor angolano José Eduardo Agualusa, incluindo-se, na parte final, os “testemunhos” pessoais dos seis escritores participantes no evento, que abonam a importância da literatura greco-latina e/ou do imaginário clássico no seu ato de criação e escrita literárias.

O *incipit* da presente coletânea é concedido à ilustre helenista portuguesa Professora Maria Helena da Rocha Pereira que, num “texto magistral” (p. 10), intitulado “Em volta do ‘milagre grego’”, procede a uma síntese panorâmica, muito clara e elucidativa, de alguns dos traços e etapas mais relevantes da antiga cultura grega, cujo legado à civilização ocidental excede a invenção da filosofia. Desde os recuados períodos minoico e micénico, passando pela criação do alfabeto grego, a questão homérica e as escavações de Troia em Hissarlik, pelo aparecimento de ramos distintos da filosofia como a geometria e a Medicina, recordando ainda a literatura e o teatro, são incisivamente discutidos alguns dos marcos essenciais da

¹ mbrasete@ua.pt.

herança cultural da antiga Hélade, que transpôs os séculos através do Império Romano e perdurou até aos nossos dias.

Depois deste valioso enquadramento introdutório, os ensaios apresentados seguem uma ordenação cronológica, apresentando-se no final de cada um as respetivas referências bibliográficas, segundo um critério uniforme (APA). Compreende-se que, num volume desta natureza, seja difícil a apresentação de uma bibliografia final conjunta. Mas, numa publicação desta dimensão e deste nível científico, a ausência de resumos e de palavras-chave, muito úteis na indexação bibliográfica e também para o leitor, revela uma fragilidade que não pode deixar de ser notada.

No primeiro estudo, Rafael J. Gallé Cejudo (“Reminiscencias literárias clássicas en la lírica profana medieval galaico-portuguesa (pp. 23-34) discute, em linhas muitos gerais, as ressonâncias clássicas que se detetam em alguns dos *topoi* mais característicos dos três géneros de cantigas da lírica profana medieval galaico-portuguesa. Ana Paula Pinto rastreia, no seu ensaio, (“Ecos Míticos em Gil Vivente” (pp. 35-54)), algumas das recorrentes alusões a figuras mítico-lendárias do mundo clássico, nomeadamente de divindades, para demonstrar que esses ecos ou intencionais distorções da tradição clássica concorrem para o enriquecimento da natureza polifónica que caracteriza o texto vicentino.

Uma leitura do Incunáculo INC 478, com o objetivo de indagar a importância da transmissão das *Silvas* (“coleção de poemas ocasionais dirigidos a figuras da aristocracia italiana e ao próprio *princeps*” (p. 55)), e das suas copiosas anotações, no âmbito da receção de Estácio na literatura portuguesa, é oportunamente oferecida por Ana Lóio, em “Leitores portugueses de Estácio: um incunáculo na BN (NC 478)” (pp. 55-64). Ainda no contexto do Humanismo português, se inserem os estudos de Elisa Nunes Esteves (“Os clássicos na obra de Anrique da Mota” (pp. 65-73)) e de Maria Luísa de Oliveira Resende (“Samuel usque e a Herança Clássica” (pp. 75-84)). No primeiro, a A. apresenta, com base na produção textual compilada no *Cancioneiro Geral*, “os resultados de um pequeno estudo sobre Anrique da Mota” (p. 65), que assinala a pertinência e a adequação das profusas referências clássicas e mitológicas na produção textual deste autor quinhentista. O artigo de Maria Luísa de Oliveira Resende indaga as influências histórico-

literárias que os textos da Antiguidade Clássica exerceram na obra, *Consolação às Tribulações de Israel*, do enigmático poeta judeu, tendo em atenção a ação mediadora de Isaac Abravanel. Em “O Poeta e a Loucura: dois poetas manuelinos sob o signo de Saturno” (pp. 85-97), Ana Maria S. Tarrío oferece uma análise da importância que a leitura de Platão, no original grego, em tradução latina ou por mediação ficiana, deteve nas obras poéticas de Rodrigues de Sá de Menenes e Francisco Sá de Miranda.

Seguem-se três estudos que recuperam *Os Lusíadas* para se discutir a influência dos modelos clássicos na literatura quinhentista. Gonçalo Cordeiro no ensaio “Poesia com mundo: O escudo de Aquiles na *Ilíada* e a *machina mundi* em Os Lusíadas” (pp. 99-108) analisa as relações de intertextualidade entre a célebre descrição do escudo de Aquiles, “o paradigma retórico da écfrase” (p.102) na *Ilíada*, e a “transfiguração da cópia” (p.105) que se opera na epopeia camoniana, relativamente ao processo de descrição da “máquina do mundo”. Pamina Fernandéz Camacho, em “Ecos de la Atlántica en la Isla de los Amores de Camões: Un motivo nacionalista del Renacimiento” (pp. 109-116), analisa os elementos de convergência e de divergência que se podem estabelecer entre a imaginária ilha da Atlântica, que Platão refere nos diálogos *Timeu* e *Crítias*, e a camoniana “Ilha dos Amores”. Em “Anchieta e Camões, épica latina e vernáculo no século XVI” (pp. 117-127), Luís M. G. Cerqueira debruça-se sobre o primeiro poema brasileiro, *De Gestis Mendi de Saa*, para documentar a importância que exerceu, quer em Anchieta quer em Camões, a imitação dos modelos literários clássicos, e em especial da *Eneida* de Virgílio. Ainda no contexto da literatura renascentista, o ensaio de Rita Marnoto, intitulado “Sobre o lirismo português do século XVI e a retórica” (pp. 129-140), apresenta uma reflexão bem documentada sobre as circunstâncias muito específicas que distinguiram a prática de *contaminatio*, nos poetas do século XVI.

Três comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos (a saber: *Eufrosina*, *Ulysippo*, *Aulegrafía*) constituem o foco do estudo de Silvina Pereira, intitulado “*Davo sou e nam Edipo* — A biblioteca teatral de Jorge Ferreira de Vasconcelos” (pp. 141- 156). Com base na identificação e listagem das referências bibliográficas evocadas nas três comédias do dramaturgo, a A. procura demonstrar o quão significativo é a presença de autores, obras,

personagens, conceitos e expressões” (p. 155) na criação dramatúrgica deste autor quinhentista. O estudo de autores do século XVI prossegue no ensaio de Madalena Brito. Em “A tradição aristotélico-tomista da escravatura nos escritos de Manuel da Nóbrega” (pp. 157-167), a A. toma por base dois escritos deste autor jesuíta, que foi missionário no Brasil, *O Diálogo sobre a Conversão do Gentio* (1957) e *O Caso da Consciências sobre a Liberdade* (1587), para analisar a influência do pensamento de autores clássicos no tratamento do tema da escravatura.

O breve mas bem esquematizado artigo de Bartolomé Pozuelo Calero, “Transmutando la historia contemporânea en epopeya virgiliana: *La Felicísima victoria* de Jerónimo de Corte Real” (pp.169-178), representa mais um contributo para documentar a influência preponderante da matriz virgiliana na épica renascentista, mais precisamente na epopeia castelhana de Jerónimo de Corte Real, publicada em Lisboa em 1578. A esta mesma epopeia, se dedica igualmente Juan Carlos Jiménez del Castillo, no seu estudo “*La Felicísima Victoria* de Jerónimo de Corte Real y la *Austríaca siue Naumachia* de Francisco de Pedrosa: dos cantos épicos al reinado de Felipe II” (pp. 179-186), mas para a relacionar com uma epopeia particamente desconhecida, da mesma época e também de inspiração clássica, da autoria de Francisco de Pedrosa. Conclui o autor que ambas as epopeias, apesar das diferenças que manifestam, serviam o mesmo propósito de “seducir a Filipe II” (p.184). Consagrado também à tradição épica, é o ensaio que se segue de Rui Carlos Fonseca, intitulado “Da queda de Tróia à fundação de Lisboa ou de como Gabriel Pereira de Castro espera “cantar de Ulisses, imitando Homero”” (pp. 187-200). Com base numa reflexão bem fundamentada, o A. analisa as ressonâncias da *Odisseia* homérica na *Ulisseia* de Gabriel Pereira de Castro, publicada postumamente em 1963.

Focando um exemplo de receção do poeta latino Ovídio na nossa literatura neoclássica setecentista, Helena Costa Toipa debruça-se sobre a poesia de Cruz e Silva, no ensaio “Presença de Ovídio na poesia de António Dinis da Cruz e Silva” (pp. 201-212). A utilização recorrente de mitos greco-latinos, em particular os de matriz ovidiana, revela, segundo a A., a mestria e a originalidade do poeta que fundou a “Arcádia Lusitana”, em 1756.

Seguem-se dois estudos dedicados ao grande impulsionador do teatro em Portugal, Almeida Garret. O especialista brasileiro Sérgio Nazar David, no seu ensaio “Garret e os livros: a presença dos clássicos na Biblioteca do Conservatório Real de Lisboa” (pp. 213-224), desenvolve a ideia de que a tensão entre classicismo e romantismo, além de uma marca estética na obra do escritor a quem se deve a criação do “Conservatório Geral de Arte Dramática”, “inclui igualmente os temas que lhe vieram dos clássicos (gregos e romanos), nomeadamente a defesa da liberdade na esfera política e no campo dos afetos” (p. 221). O estudo de Ofélia Paiva Monteiro, reconhecida especialista portuguesa, responsável pela coordenação da *Edição Crítica das Obras de Almeida Garrett*, perscruta indícios da herança clássica no percurso pessoal e literário do autor. Em “*Da História Filosófica do Teatro Português à Memória ao Conservatório* sobre *Frei Luís de Sousa*: a fecundidade do húmus clássico em Garret” (pp. 225-245), a A. conclui que o “legado clássico” fermenta a complexa trajetória do autor – “a existencial e a estética” (p.245).

A grandeza de um outro escritor português, Eça de Queirós, inspira os três ensaios que seguem. Partindo de uma passagem do romance póstumo “A cidade a as serras”, Francisco Garcia Jurado, no seu artigo “Eça de Queirós y Alama Tadema: las rosas de Heliogábalio” (247-255), procura demonstrar que a referência queirosiana não só remete para a citada *Historia Augusta*, mas também para o quadro de Sir Lawrence Alma-Tadema, intitulado “As Rosas de Heliogábalo” (1888). Serafina Martins, no seu ensaio “Ulisses, um herói no seu tempo — Sobre “A Perfeição”, de Eça de Queirós” (pp. 257-268), começa por apresentar algumas reflexões gerais sobre a configuração da temporalidade na narrativa queirosiana para se concentrar, depois, na análise do célebre conto de inspiração homérica, “A Perfeição”. Conclui a A. que através desse “exercício virtuoso de rescrita” (p. 266), Eça encontrou em Ulisses um modelo clássico para reequacionar um “arqui-problema da humanidade” (p. 268), numa ficção sintonizada com a estética realista que marcou uma parte da sua obra. No último artigo dedicado a Eça, intitulado “De Ovígia a Ítaca: Homero e Eça de Queirós contra a satisfação” (pp. 269-278) João Pedro Cambado empreende uma leitura perspicaz e bem fundamentada do referido conto,

questionando o “significado da decisão de Ulisses” (p.270), a partir da relação de intertextualidade que se estabelece com a *Odisseia*.

Os próximos 5 artigos da coletânea em apreço, incidem sobre a poesia pessoana, ortónima ou heterónima. Maria do Céu Estibeira, em “A visão dos clássicos em Fernando Pessoa” (pp. 279-290) rastreia a influência que a cultura e a literatura clássicas exerceram na obra polifônica de Fernanda Pessoa, tendo em atenção os títulos que constavam da biblioteca particular do poeta, bem como alguns dos seus textos de crítica literária e mesmo de produção poética. Em “Fernando Pessoa e Juliano Apóstata, ou o Paganismo Reinventado” (pp. 291-300), Francisco Saraiva Fino discute o mito do Apóstata enquadrado na complexa questão do “paganismo” pessoano, concentrando-se em passagens do poeta Ricardo Reis e do filósofo António Mora, bem como de alguns poemas ortónimos. Numa senda semelhante, se insere o ensaio de Pedro Braga Falcão, “A Prosa de Ricardo Reis: Uma religiosidade Pagã ou um Culto Fingido” (pp. 301-311) que, indagando a relação dialética que se estabelece entre “paganismo” e “cristismo” na poesia de Reis, conclui: “...nunca poderá haver uma religião propriamente dita, nem uma ficção religiosa” (p. 310). Helena Carvalhão Buescu, em “Choques Modernos do Pastoril: Cesário em Reis em Saramago” (pp. 313-326), apresenta um conjunto de reflexões aturadas sobre a intricada teia palimpsestica que conforma o romance de Saramago (*O Ano da Morte de Ricardo Reis*), em que a matriz clássica da temática pastoril indica diversos “substratos” literários, nomeadamente por influência do heterónimo Ricardo Reis e, por sua vez, de Cesário Verde. Por último, Patrícia Soares Martins elege o heterónimo Caeiro para, em “Duas Versões de Pastoral: Caeiro e Carlos de Oliveira” (pp. 327-335), rastrear a tradição da pastoral, a partir de um cotejo original com a poesia de Carlos de Oliveira.

Marta Várzeas explora as multímodas ressonâncias da antiga Hélade na obra de um dos maiores escritores portuguese contemporâneos, num ensaio intitulado “Em demanda dos lugares sagrados: a Grécia de Ruben A.” (pp. 337-349). As profundas e subversivas marcas que a cultura e literatura greco-latinas exerceram na obra de Natália Correia são objeto de uma abordagem selecionada de textos, predominantemente poéticos, da notável escritora portuguesa, por Rui Sousa, no seu estudo “Alguns exemplos de

cruzamento e revisitação de mitos na obra de Natália Correia (pp. 351- 362). Como conclui o A., a vigorosa e transfiguradora presença do imaginário clássico na obra de Natália Correia é um tema que merece ser estudado com maior profundidade, em prol de um melhor entendimento da multímoda obra da escritora. Maria José Ferreira Lopes analisa a influência incontestável da Antiguidade Clássica no “livro de viagens”, *Embaixada a Calígula*, de Agustina Bessa Luís (pp. 363-378), baseado na fracassada embaixada de Fílon de Alexandria ao imperador romano *Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus*, também conhecido por Calígula.

Tendo em perspetiva uma peça do teatro português contemporâneo, Catarina F. Rocha, no seu artigo “À espera de Marcelo: Mito e tragédia em *O irmão* de David Mourão Ferreira” (pp. 379-387), procede a uma análise da atmosfera trágica que envolve o universo dramático desta peça em dois atos de David Mourão Ferreira que, em última instância, se inspira nas versões trágicas dos mitos de Electra e de Orestes.

No âmbito da poesia portuguesa contemporânea, se situam os dois ensaios seguintes. Em “A presença clássica no contexto dos *Poemas mudados para português* de Heriberto Helder” (pp. 389-396), Marco André Fernandes da Silva propõe-se indagar a presumível presença de elementos clássicos na poesia de um poeta que, numa primeira impressão, não demonstra grande apego à Antiguidade. Pela análise de três poemas que, segundo o autor, “nos remetem diretamente para a cultura clássica” (p. 390) pode notar-se que, afinal, a tradição clássica não pode considerar-se insignificante na expressão poético-simbólica de Heriberto Helder. Já a poética torguiana se revela muito mais influenciada por temas, motivos, imagens e outros elementos de índole clássica como mostra Cláudia Capela Ferreira, no seu estudo “Torga Clássico: dos mitos ao Kleos poético” (pp.397-407).

Curiosamente, o estudo da peça teatral de Paulo José Miranda (pp. 409-418) surge entreposto nesta sequência dedicada à poesia portuguesa contemporânea e não após ao artigo dedicado a *O Irmão* de David Mourão Ferreira. Ramiro González Delgado procede a uma análise da peça intitulada *O Corpo de Helena*, a partir de dois eixos temáticos, “Mito y Literatura”, por forma a demonstrar a importância que a matriz grega detém na configuração dramática da obra de Paulo José Miranda.

Retomando a poesia portuguesa contemporânea, depois deste interlúdio teatral, o ensaio de Mário Garcia, SJ, “O labirinto na obra literária de Daniel Faria” (pp. 419-424), incide sobre um conjunto de poemas em que a palavra “labirinto”, de uso raro na obra do poeta, ganha significados poético-simbólicos muito particulares, que se intensificam em função dos enquadramentos clássicos em que aparece utilizada.

Os dilemas e as dialéticas que confrontam a personagem do Senhor Calvino da série *O Bairro*, de Gonçalo M. Tavares, recuperam e reinventam elementos da cultura clássica, muito em particular da filosofia estoica. Ana Isabel Correia Martins, em “O perfil estoico do Senhor Calvino n’ O Bairro de Gonçalo M. Tavares (pp. 425-438), depois de proceder a um pertinente enquadramento histórico-epistemológico do Estoicismo, analisa a figura sensata do Senhor Calvino, com o intuito de mostrar que ele preserva as “virtudes matriciais estoicas, concretizando-as principalmente em momentos de vicissitude” (p. 437)

O único estudo consagrado a um autor africano de língua portuguesa é o de Belmiro Fernandes Pereira, intitulado “O Labirinto de Luanda ou a Utilidade dos Clássicos em *Barroco Tropical*” (pp. 439-453). A análise incide sobre o romance de José Eduardo Agualusa, publicado em 2009, e no qual o mito grego de Teseu e de Ariadne vai muito além de mera alusão ou metáfora para se reconfigurar como uma estrutura de mitemas nevrálgicos, quer na organização da história, quer ao nível da própria enunciação. Na parte final do artigo, são apresentadas cinco ilustrações que representam, respetivamente, as capas das edições portuguesa e holandesa do romance, duas fotos das favelas de Luanda e a capa da revista *Minotaure*.

Depois desta singular incursão na literatura angolana, Frederico Mertolazzi retoma o mundo sempre fascinante da poesia de Sofia, num ensaio que recebe o título “A pequena flauta da sombra. O classicismo de Sofia de Mello Breyner Anderson” (pp. 455-476). O estudo de Fernando J. B. Martinho que se lhe segue, talvez devesse ter sido antecipado, como se pode depreender do título que recebe: “O mito do Minotauro em quatro poetas portugueses contemporâneos” (pp. 477-485). Efetivamente, o tratamento do mito de Minotauro na poesia de Jorge de Sena, Sofia, David

Mourão Ferreira e Ana Luísa Amaral poderia ter efetuado uma transição mais adequada entre os dois textos anteriores.

O ensaio de Cristina Firmino Santos, intitulado “Elegia e crise – Alguns exemplos de poesia contemporânea” (pp. 487-495), inicia com uma proposta de definição dos traços mais característicos da elegia clássica, evocando, nesse sentido, os poetas greco-latinos, para se concentrar, de seguida, na interpretação de dois poemas de Ruy Belo e Rui Knopfli, porque considerados muito representativos do registo elegíaco na contemporaneidade.

O ensaio de Rita Figueira, “O Trágico como Possibilidade n’ *O Estado do Bosque*, de Tolentino de Mendonça” (pp. 497-506), centra-se na análise da referida peça teatral, indagando os processos utilizados na reconfiguração do sentido trágico, baseado num “entendimento da vida como nó que desliza mas não se desata (p.505).

O penúltimo estudo, de autoria de José Manuel Ventura, intitula-se “Efábulações mitológicas ovidianas na poesia de Vasco de Graça Moura” (pp. 507-518). Demonstrando que Ovídio é uma das presenças clássicas constantes no universo poético de Vasco de Graça Moura, o A. foca a sua análise em passagens selecionadas de alguns poemas que manifestam, de modo inequívoco, o filão mitológico de matriz ovidiana, investido de um poder de metamorfose que confere à palavra poética indiscutível originalidade literária.

Igualmente sobre a poética de Graça Moura, incide o último estudo deste volume, intitulado “Humor e reescrita paródica da mitologia na poética de Vasco de Graça Moura” (pp. 519-532). A abordagem de José Cândido de Oliveira Martins evoca, uma vez mais, o riquíssimo intertexto clássico que perpassa a escrita poética de Vasco Graça Moura para expor a ideia de que os processos de revisitação ou rescrita dos mitos clássicos se realizam sob variados registos e a partir do uso de diversas formas de intertextualidade, normalmente sob o signo da ironia e da paródia, ora num tom sério ora num tom mais humorado, mas dando sempre expressão a uma mundividência contemporânea.

As restantes dezassete páginas (pp. 553-570) que completam o livro compreendem cinco textos que dão conta dos testemunhos dos seis autores

portugueses que participaram numa sessão do Congresso: Ana Soares e Bárbara Wong; Hélia Correia; Ivone Mendes da Silva; Jaime Rocha; e Nuno Júdice.

Naturalmente, num volume desta dimensão, sente-se a falta de um índice remissivo aos autores referenciados nos estudos que compõem esta coletânea, por forma a facilitar a utilização do volume.

Em conclusão, esta obra editada pelas Professoras Paula Morão e Cristina Pimentel tem o mérito de reunir contribuições de vários especialistas, de diferentes nacionalidades, oriundos de diversas instituições universitárias, que oferecem ao leitor uma perspetiva plural e alargada da importância e valor do legado greco-romano na literatura portuguesa de todas as épocas. A diversidade de abordagens e de metodologias constitui um instrumento útil de reflexão e debate para novas leituras que se apresentem sobre a influência mais ou menos explícita que os autores e os temas clássicos detiveram em géneros literários posteriores e no decurso do tempo. Considera-se, por isso, uma obra de referência não apenas essencial no domínio da investigação da perenidade da cultura clássica mas também no âmbito dos estudos literários em geral, pelo valioso contributo que presta para um melhor conhecimento da literatura em língua portuguesa.

A. Pociña, A. López, C. Morais, M. F. S. e Silva (coords.) (2015). *Antígona. A Eterna Sedução da Filha de Édipo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra-Annablume Editora. 359 pp. ISBN: 978-989-26.1111-2; ISSN: 2182-8814

MARIA FERNANDA BRASETE (*Universidade de Aveiro — Portugal*)²

Acaba de sair do prelo o livro *Antígona. A Eterna Sedução da filha de Édipo*, coordenado por Andrés Pociña, Aurora López, Carlos Morais e Maria de Fátima Silva, da série “Mito e (re)escrita”, publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra e pela Annablume Editora (S. Paulo).

Este volume reúne textos apresentados no Colóquio com o mesmo nome do livro (*Antígona. A Eterna Sedução da filha de Édipo*), que se realizou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, nos dias 25 e 26 de setembro de 2014, ano em que se celebraram os 40 anos do 25 de abril.

² mbrasete@ua.pt.